

Expositor: Oscar Pacheco - El Salvador (<https://www.youtube.com/@MegafonoAdventista>)

Exibidas por: Rendición Media - Porto Rico (<https://www.youtube.com/@rendicionmedia>)

Exibidas em: 28/06/2025

Apresentações originais em espanhol disponíveis em:

https://www.youtube.com/watch?v=NQEk_Hb3qn8&t=5898s

Tradução e divulgação: Biblioteca 1888 (biblioteca1888.org)

ELLEN G. WHITE, A MENSAGEM E OS MENSAGEIROS

Ao longo da história da humanidade, mentiras cuidadosamente construídas foram apresentadas e acreditadas como verdades absolutas. Um exemplo é o caso do ciclista Lance Armstrong, considerado por muitos a maior mentira da história do ciclismo. Em 1996, Armstrong foi diagnosticado com câncer testicular, do qual se recuperou milagrosamente dois anos depois, retomando sua carreira em 1999. Cheio de otimismo, Armstrong convenceu-se de que poderia vencer o Tour de France, e o fez naquele mesmo ano, apesar de não ter tido um desempenho admirável nas edições anteriores. A partir daquele momento, Armstrong iniciou uma sequência de vitórias na mais exigente prova de ciclismo profissional do mundo, acumulando sete vitórias consecutivas de 1999 a 2005 – um feito inigualável na história do ciclismo.

Era impressionante vê-lo na televisão, pedalando com uma força sobre-humana. Durante a terceira e última etapa de montanha nos Pirineus, lembro-me de como meu pai e eu acompanhávamos cada giro de sua roda com admiração e espanto. No fim, sempre chegávamos à mesma conclusão: nenhum ser humano conseguiria escalar aqueles picos com tanta força, pelo menos não naturalmente. Em 2012, esse homem foi acusado de *doping* sistemático pela Agência Antidoping dos Estados Unidos. Essa agência acabou por cassar suas sete vitórias devido às infrações de *doping* e o banuiu do esporte para sempre. Em novembro daquele mesmo ano, Lance, movido por orgulho e arrogância, publicou a foto que você vê na tela na rede social antes conhecida como Twitter.



Na foto, ele estava reclinado em um sofá grande e confortável, e ao fundo, penduradas todas as sete camisas de ciclismo que usou para vencer o Tour de France. Finalmente, Armstrong admitiu no programa da Oprah que se dopou, que conquistou seus sete títulos não de forma limpa, mas usando EPO, testosterona e transfusões de sangue para melhorar seu desempenho durante sua carreira no ciclismo. Nessa entrevista, ele declarou: "Eu me dopava por arrogância e pelo meu desejo insaciável de vencer". Assim, uma das maiores mentiras do ciclismo, acreditada por milhões de fãs, dezenas de patrocinadores e as maiores autoridades do esporte, foi exposta pelo próprio Lance diante das câmeras de televisão.

Será que esse mesmo cenário de mentiras apresentadas como verdades irrefutáveis poderia se repetir no âmbito da compreensão histórica e teológica da Mensagem de 1888? Será possível que estejamos endossando mitos em vez de verdades a respeito dessa preciosa mensagem? Ao longo do tempo, certas abordagens teológicas depreciaram a Mensagem de 1888 a uma categoria secundária ou a reinterpretaram sob paradigmas legalistas, dogmáticos ou simplesmente superficiais. Alguns a consideram um assunto encerrado do passado, sem relevância contínua para a experiência do povo de Deus nos últimos tempos. Nesse processo, distorções e silêncios se tornaram a norma, e visões incompletas ou errôneas foram aceitas como se fossem verdades definitivas. O que realmente aconteceu na Conferência Geral de Minneapolis em 1888? Quais foram os elementos centrais da mensagem de justificação pela fé que foi apresentada lá? O que Ellen White disse a respeito da mensagem e dos mensageiros? O que é e o que não é a Mensagem de 1888? Essas são algumas das questões que abordaremos ao longo deste estudo.

Inúmeras referências à mensagem de Minneapolis são encontradas nos escritos de Ellen White. Contudo, uma das mais significativas, e talvez a mais reveladora, é uma declaração que sintetiza magistralmente a essência da mensagem da justiça de Cristo. Essa citação encontra-se em 'Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos', pág. 91. A citação diz o seguinte: "Em Sua grande misericórdia, o Senhor enviou uma mensagem preciosíssima ao Seu povo por meio dos pastores Waggoner e Jones. Essa mensagem visava apresentar ao mundo, de forma mais proeminente, o sublime Salvador, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador e convidava as pessoas a receberem a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Muitos haviam perdido Jesus de vista. Precisavam voltar seus olhos para a Sua pessoa divina, para os Seus méritos, para o Seu amor imutável pela família humana. Todo o poder está em Suas mãos, e Ele pode conceder ricos dons à humanidade, transmitindo o dom inestimável da Sua própria justiça ao ser humano indefeso. Esta é a mensagem que Deus ordenou que fosse dada

ao mundo. É a mensagem do terceiro anjo, para ser proclamada em voz alta e acompanhada pelo abundante derramamento do Seu Espírito”.

A partir desta passagem, podemos identificar quatro temas fundamentais que, segundo a perspectiva de Ellen White, são abordados na mensagem apresentada em 1888. A primeira verdade: Cristo morreu pelos pecados de todo o mundo. A segunda verdade: Cristo é o fiador do pacto eterno. A terceira verdade: a justificação pela fé produz obediência. E a quarta e última verdade: a justiça de Cristo é a mensagem da chuva serôdia.

Examinemos agora cada uma dessas verdades e suas implicações para compreendermos seu conteúdo. A primeira verdade é: Cristo morreu pelos pecados de todo o mundo. A Mensagem de 1888 exalta Cristo a uma posição central e proeminente, magnificando Seu sacrifício pelos pecados de todo o mundo e Seu amor inabalável pela família humana. Este é o componente central, ou o próprio coração, da Mensagem de 1888. Em 1 Timóteo 4:10, encontramos a seguinte declaração: “Por essa razão trabalhamos e nos esforçamos, porque temos posto a nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos que creem”. Os samaritanos que ouviram o testemunho daquela mulher a respeito de Cristo também confirmaram essa verdade. No Evangelho de João 4:42, eles disseram: “Já não cremos somente por causa do que você disse, pois nós mesmos ouvimos e sabemos que este homem é verdadeiramente o Salvador do mundo”.

Que verdade maravilhosa essas duas passagens revelam! Cristo já é o nosso Salvador, mesmo antes de crermos nele. Cristo não morreu apenas pelos eleitos, como ensina o calvinismo, nem o seu sacrifício é ineficaz até que alguém decida aceitá-lo, aplicando o veredicto de absolvição somente àqueles que creem, como afirma a teologia arminiana. A morte do Filho de Deus foi pelos pecados do mundo inteiro. Jesus Cristo disse isso em João 6:51: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre. E o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne.” Será mesmo necessário acrescentar qualquer nota explicativa ou exegética a palavras tão claras como as proferidas pelo Senhor? Palavras que até uma criança é capaz de entender. Acreditar que a morte de Cristo beneficia apenas um grupo seleto de pessoas limita o amor de Deus e o apresenta como um ser exclusivista. A vida de Cristo na cruz é uma dádiva para toda a humanidade. A misericórdia de Deus, segundo Mateus 5:45, faz o seu sol nascer sobre maus e bons, e envia chuva sobre justos e injustos. Sua maravilhosa graça, segundo Tito 2:11, “manifestou-se para a salvação de todos”.

Observemos como o apóstolo Paulo afirma que o sacrifício de Cristo justificou a vida de todo ser humano no mundo. Na Epístola aos Romanos 5:18, o apóstolo declara: "Portanto, assim

como pela transgressão de um só homem veio a condenação sobre todos os homens, assim também por um só ato de justiça veio a justificação que dá vida a todos os homens". Cada criança que nasce neste mundo é graças ao sacrifício de Cristo. A vida de cada ser humano é fruto da morte do seu Redentor. O pão que comemos é possível porque Cristo, o pão do céu, foi partido por amor a todos. A água que bebemos é uma dádiva da graça, porque Jesus, a água da vida, entregou-se incondicionalmente no Calvário para que os lábios de cada mortal pudessem ser refrescados por essa dádiva. Nossa existência terrena, juntamente com todas as bênçãos materiais de que desfrutamos, foi concedida a toda a humanidade como resultado do sacrifício na cruz. Toda coisa boa, absolutamente toda coisa boa, procede desse sacrifício supremo.

Ellen White expressou isso desta forma em 'O Desejado de Todas as Nações', pág. 615: "À morte de Cristo devemos até mesmo esta vida terrena. O pão que comemos foi comprado por Seu corpo partido. A água que bebemos foi comprada por Seu sangue derramado. Ninguém, santo ou pecador, come o pão nosso de cada dia sem ser nutrido pelo corpo e sangue de Cristo. A cruz do Calvário está impressa em cada pão; ela se reflete em cada fonte". Jesus não apenas nos salvou de uma morte que enfrentaríamos no futuro, mas também salvou o mundo de uma morte que ele já deveria ter experimentado no passado. Quando Jesus morreu na cruz, toda a humanidade morreu juntamente com Ele. Sua morte trouxe vida e reconciliação ao mundo, removendo a condenação legal que pesava sobre toda a humanidade.

O apóstolo Paulo escreveu o seguinte em 2 Coríntios 5:14-15: "Pois o amor de Cristo nos edifica, porque estamos convencidos de que um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou." A respeito dessa passagem bíblica, gostaria de ler a explicação que oferece o 'Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia', vol. 5, pág. 866: "Cristo tornou-se o cabeça da raça humana quando tomou o lugar de Adão e morreu na cruz como seu representante. Assim, em certo sentido, quando Cristo morreu, toda a raça humana morreu com ele. Visto que ele representava todas as pessoas, sua morte foi equivalente à morte de todos. Nele, todos os seres humanos morreram. Ele pagou integralmente todas as exigências da lei. Sua morte foi suficiente para pagar a pena por todos os pecados. Contudo, isso não significa salvação universal, pois cada pecador deve aceitar individualmente a expiação provida pelo Salvador para que ela seja eficaz em seu caso pessoal. Além disso, não há base bíblica para limitar a palavra "todos" a uma suposta minoria dos eleitos, enquanto o restante da humanidade seria excluído do acesso à graça salvadora da cruz e, portanto, predestinado à perdição."

Observemos abaixo algumas citações dos testemunhos onde se afirma claramente que o sacrifício de Cristo tem implicações para toda a humanidade. A primeira delas encontra-se em ‘Mensagens Escolhidas’, vol. 1, pág. 402: "Ele tomou posse do mundo sobre o qual Satanás presumiu reinar como seu território legítimo. Na admirável obra de dar a Sua vida, Cristo restaurou toda a raça humana ao favor de Deus."

Em ‘O Ministério da Cura’, pág. 59, encontramos a seguinte declaração: "Jesus conhece as circunstâncias particulares de cada alma. Quanto mais grave a culpa do pecador, mais ele precisa do Salvador. Seu coração, transbordando de compaixão e amor divinos, é atraído, antes de tudo, por aquele que está mais desesperadamente enredado nas armadilhas do inimigo. Com o Seu próprio sangue, Cristo assinou os documentos da emancipação da humanidade."

Uma terceira citação encontra-se no devocional matinal, ‘Cristo Triunfante’, pág. 248. “Cristo foi tentado cem vezes mais cruelmente do que Adão e em circunstâncias muito piores em todos os sentidos. Ele redimiu a vergonhosa queda de Adão e salvou o mundo. Há esperança para aqueles que vêm a Cristo e O recebem como seu Salvador pessoal.”

Em ‘História da Redenção’, pág. 230, encontramos a seguinte declaração: “O Senhor não proferiu nenhuma queixa. Seu semblante permaneceu pálido e sereno, mas grandes gotas de suor se acumulavam em Sua testa. Nenhuma mão piedosa estava ali para enxugar de seu rosto o orvalho da morte, nem palavras de compaixão e fidelidade inabalável para sustentar seu coração humano. Ele estava pisando o lagar sozinho, sem ninguém do povo ao seu lado. Enquanto os soldados executavam sua tarefa odiosa e ele sofria a mais aguda agonia, orava por seus inimigos: ‘Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem’ (Lucas 23:34). Essa oração de Jesus por seus inimigos abrange o mundo, pois se refere a cada pecador que viverá até o fim dos tempos”. Ellen White afirma que, em sua admirável obra de dar a própria vida, Cristo restaurou toda a humanidade ao favor de Deus. Categoricamente, ela também declara que, com seu próprio sangue, Cristo assinou os documentos da emancipação da humanidade. Além disso, destaca que Jesus salvou o mundo e que, em sua oração na cruz do Calvário, pediu perdão aos seus inimigos, e que esse perdão abrange o mundo, enfatizando assim o alcance universal de seu sacrifício redentor.

Todas essas expressões nos levam a compreender que a raça humana foi redimida da maldição da lei. Se não fosse por esse aspecto da redenção, nossos olhos jamais teriam visto a luz. No dia em que Adão pecou, a raça humana teria perecido, e nós teríamos morrido com

ele. Contudo, Cristo interveio e livrou a humanidade da aniquilação prematura que ela justamente merecia.

Considere a seguinte citação de ‘Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos’, pág. 134: “A morte entrou no mundo por causa da transgressão, mas Cristo deu a Sua vida para que a humanidade tivesse uma segunda chance. Ele não morreu na cruz para abolir a lei de Deus, mas para assegurar à humanidade um segundo tempo de graça. Ele não morreu para que o pecado se tornasse um atributo imortal. Ele morreu para garantir o direito de destruir aquele que detinha o poder da morte, ou seja, ao diabo. Ele sofreu plenamente a pena que a transgressão da lei merecia para o mundo inteiro. Isso não foi feito para que os homens continuassem na transgressão, mas para que renovassem sua fidelidade e guardassem os mandamentos e a lei de Deus como a menina dos seus olhos”.

Claramente, os ensinamentos do Espírito de Profecia transcendem a compreensão calvinista e arminiana da salvação. Observe que a maioria das expressões que Ellen White usa para descrever as implicações do sacrifício de Cristo são legalistas. Portanto, concluímos que houve um aspecto legal ou objetivo da salvação, realizada para todos, crentes e descrentes, na cruz do Calvário. Essa ideia vai além dos conceitos condicionais ou provisórios de salvação que dominam a perspectiva arminiana do evangelho.

As citações mencionadas apresentam explicitamente a ideia de que toda a humanidade foi redimida na cruz, um ato histórico e objetivo realizado no passado. O problema reside no fato de que nem todos crerão no dom da salvação. É a incredulidade de alguns que os impede de se apropriarem de seus benefícios. Se uma pessoa escolher valorizar e apreciar esse dom, poderá desfrutá-lo por toda a eternidade. Contudo, se optarem por desprezá-la, seu prazer será passageiro e temporário. Ninguém será salvo definitivamente sem fé. É preciso contemplar o sacrifício de Cristo e apropriar-se dos benefícios que esse sacrifício trouxe ao mundo inteiro.

Nesse contexto, é crucial entendermos que a salvação tem duas dimensões fundamentais. A primeira dimensão é a objetiva: nós em Cristo, aquilo que Deus trouxe universalmente a todas as pessoas em Cristo. Esse aspecto é completo, segundo Colossenses 2:10, abrange toda a humanidade, como lemos em Romanos 5:18, e é unicamente pela graça, de acordo com Efésios 1:6. Mas encontramos também uma segunda dimensão, a subjetiva: Cristo em nós, a resposta positiva de uma pessoa ao que Deus já fez objetivamente por ela. Esse aspecto atua na vida do crente, segundo Filipenses 3:13-14. Aplica-se aos crentes, segundo 1 Timóteo 4:10. E é somente pela fé, de acordo com Gálatas 2:20. Tudo vem por meio de Cristo, em virtude

do sacrifício infinito que Deus fez por nós. E ambos os aspectos são necessários para que sejamos salvos. Todo ser humano é livre para rejeitar o dom da salvação ou aceitá-lo pela fé.

Vejam a seguinte declaração de ‘Caminho a Cristo’, pág. 67: “No dom incomparável de Seu Filho, Deus envolveu o mundo inteiro com uma atmosfera de graça tão real quanto o ar que circula ao redor do globo.” Esse é o aspecto objetivo da salvação. Agora, observe o que a segunda expressão nesta citação diz, falando sobre o aspecto subjetivo de aceitar esse dom pela fé: “Todos os que escolherem respirar essa atmosfera que dá vida viverão e crescerão até a estatura de homens e mulheres em Cristo Jesus.”

Como você pode ver, a doutrina da justificação de vida, uma doutrina com amplo fundamento bíblico e respaldo nos testemunhos, não tem relação alguma com o universalismo, apesar das alegações de alguns grupos autoproclamados conservadoras dentro do adventismo. Essa acusação é infundada e demonstra uma compreensão limitada tanto do conceito bíblico de justificação quanto do alcance do sacrifício de Cristo. A justificação de vida, conforme apresentada pelo apóstolo Paulo em Romanos 5:18, declara que o ato redentor de Cristo na cruz resultou em justificação objetiva para toda a humanidade, sem implicar que todos serão salvos sem exceção, como sustenta o universalismo. A salvação permanece pessoal e condicional, mas os efeitos legais da cruz são universais e completos.

Também é falso que aceitar a justificação de vida implique adesão à doutrina do pecado original. Pelo contrário, aqueles que rejeitam a justificação de vida estão mais próximos da lógica do pecado original, pois, ao negarem que Cristo reverteu na cruz a condenação que pesava sobre a raça humana, acabam indiretamente sustentando que todo ser humano nasce condenado e, portanto, nasce pecador — uma ideia mais próxima da antropologia agostiniana do que da compreensão bíblica do pecado e da redenção.

Segunda verdade: Cristo é o fiador do pacto eterno. A Mensagem de 1888 apresenta Cristo como o fiador, isto é, aquele que oferece garantia ou segurança de que algo acordado ou prometido será cumprido. Nós não somos os fiadores da nossa salvação, mas o próprio Cristo. Isso significa que o pacto eterno ou o plano de redenção não foi estabelecido entre Deus e nós, mas pela própria divindade. Observemos a seguinte declaração do Espírito de Profecia a respeito deste assunto. ‘Manuscritos Inéditos’, vol. 1, pág. 107: “O Pai e o Filho concordaram com um pacto para salvar o mundo por meio de Cristo, que se entregou para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3:16). Nenhum poder humano ou angelical poderia estabelecer tal pacto”.

Portanto, a Divindade concordou com essa bênção em Cristo por meio do pacto eterno. Nem você nem eu poderíamos ter participado desse pacto. Como isso seria possível se esse contrato foi estabelecido desde os dias da eternidade, antes da existência de qualquer ser humano? Isso significa, então, que o pacto eterno exclui a raça humana? A resposta é não. É ilógico pensar assim. É ilógico pensar que, uma vez que o pacto foi feita para a raça humana, em favor da raça humana. Ou seja, não somos partes do pacto, mas somos beneficiários dessa bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo, que foi estabelecida, de acordo com Efésios 1:4, antes da fundação do mundo.

Vejamos como a Bíblia descreve o pacto eterno em relação à humanidade. Em Hebreus 9:15, encontramos que o pacto eterno é um testamento para a humanidade. Paulo escreve: "Por isso, ele é o mediador de um novo pacto, para que os chamados recebam a promessa da herança eterna, visto que ele morreu em resgate para libertá-los dos pecados cometidos sob o primeiro pacto."

Em Gálatas 3:16-18, notamos que o pacto é uma promessa para a humanidade. Paulo diz: "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: 'e às descendências', referindo-se a muitos, mas a um só: 'e à tua descendência', que é Cristo. O que quero dizer, então, é que o pacto previamente ratificada por Deus com Cristo, a lei que veio 430 anos depois, não o revoga, de modo a invalidar a promessa. Pois, se a herança vem pela lei, já não vem pela promessa. Mas Deus a concedeu a Abraão mediante a promessa."

No versículo 16 desta passagem, o apóstolo Paulo declara: "As promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência". Em seguida, no versículo 18, ele estabelece que Deus concedeu a herança a Abraão por meio da promessa. Contudo, quando examinamos a passagem original da qual essas ideias são extraídas, observamos que o que Deus fez com Abraão foi um pacto. Vejamos o que diz Gênesis 15:18: "Naquele dia, o Senhor fez um pacto com Abraão, dizendo: 'À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates'". Isso significa que a Bíblia se contradiz ao falar de um pacto em Gênesis e de uma promessa em Gálatas? De modo algum. É evidente que, para as Escrituras, pacto e promessa são conceitos equivalentes. De fato, em Gálatas 3:17, essa troca de termos é evidente. Paulo primeiro menciona os constituintes do pacto, Deus e Cristo. Em seguida, ele afirma que os eventos no Sinai não anulam o pacto eterno. E, finalmente, no versículo 17, ele declara que esses eventos não invalidam a promessa. Esperaríamos que ele dissesse: "Eles não invalidam o pacto", já que é disso que Paulo está falando na passagem. No entanto, ele usa a palavra "promessa" para se referir ao pacto, o que confirma que ambos os termos são usados de forma intercambiável nas Escrituras.

Observe como o Comentário Bíblico Adventista define o pacto eterno em sua análise de Gálatas 3. Isso se encontra no ‘Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia’, vol. 6, pág. 957. “A promessa do pacto não foi acrescentada a nada; foi dada pessoalmente por Deus. Portanto, Gálatas 3:20 poderia ser parafraseado desta forma: ‘Ora, um mediador implica um acordo entre duas partes, mas a promessa do pacto era unilateral; dependia unicamente de Deus e, portanto, não exigia um mediador’. O novo ou eterno pacto concedido por Deus a Abraão era simplesmente na forma de uma promessa. É necessário apenas aceitar a promessa pela fé, e a obediência segue naturalmente”. Essas duas equivalências que encontramos — pacto igual a testamento e pacto igual a promessa — lançam luz sobre todas as passagens bíblicas e todas as citações do Espírito de Profecia que afirmam que Deus estabeleceu um pacto conosco. Em outras palavras, esses textos nos revelam que Deus fez ou deu um testamento ou uma promessa de salvação ao Seu povo.

A terceira verdade sobre a Mensagem de 1888 é que a justificação pela fé produz obediência. A Mensagem de 1888 enfatiza que a justiça de Cristo se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus. Isso nos mostra poderosamente que a justificação não é meramente uma formalidade legal, mas também uma obra transformadora que reside na fé. De fato, Ellen White explica isso desta maneira. Vejamos em ‘O Maior Discurso de Cristo’, pág. 97: “O perdão de Deus não é apenas um ato judicial pelo qual Ele livra da condenação. Não é apenas o perdão do pecado, é também a redenção do pecado. É o derramamento do amor redentor que transforma o coração”. A verdadeira justificação pela fé produz obediência.

Paulo afirmou que a fé opera pelo amor. Observe que as obras são o produto da fé, um dom que não podemos produzir por nós mesmos, pois vem de Deus, de acordo com Efésios 2:8. Isto é, não devemos acrescentar obras humanas à fé, porque a fé envolve as obras de Deus, que Ele preparou de antemão para que andássemos nelas. Isso significa que a obediência não é fruto de um esforço humano fraco e limitado, mas do poder transformador da justiça de Cristo. A obediência é a promessa do pacto eterno, não nossa vã promessa de permanecermos fiéis à lei de Deus.

Veja o que Hebreus 13:20 e 25, diz: “Que o Deus da paz, que pelo sangue do pacto eterno trouxe de volta dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, os faça aptos em toda boa obra”. O que nos aperfeiçoa em toda boa obra? É o nosso esforço ou o sangue do pacto eterno? É a nossa própria justiça ou a justiça de Cristo? É claramente o sangue do pacto eterno, a justiça de Cristo. “Que Ele vos capacite com tudo o que é bom para

fazer a Sua vontade, operando em nós o que Lhe agrada, por meio de Jesus Cristo, a quem seja dada a glória para todo o sempre. Amém”.

Quando consideramos a obediência como fruto do esforço humano, nos aproximamos de Deus em nossos próprios termos e condições, oferecendo-nos para entrar em um pacto que não é nosso. A Bíblia chama essa atitude de antigo pacto. Segundo o apóstolo Paulo, esse pacto gera escravidão e é carnal. Ou seja, depende das obras e promessas do homem em vez das obras e promessas de Deus. O antigo pacto foi explicitado ao pé do Monte Sinai, quando o povo de Israel, após ouvir as promessas do pacto eterno, exclamou em uníssono as seguintes palavras encontradas em Êxodo 19:8: “E todo o povo respondeu unanimemente: ‘Tudo o que o Senhor tem dito, faremos’. E Moisés relatou as palavras do povo ao Senhor.”

A respeito dessa passagem, a servo de Deus, inspirada pelo Espírito Santo, declarou o seguinte em ‘Patriarcas e Profetas’, pág. 341: “Os israelitas não perceberam a pecaminosidade de seus próprios corações e não entendiam que, sem Cristo, era impossível para eles guardarem a lei de Deus. E com excessiva pressa, entraram em seu pacto com Deus, acreditando serem capazes de serem justos por si mesmos. Poucas semanas depois, quebraram seu pacto com Deus, curvando-se para adorar uma imagem fundida. Não podiam esperar o favor de Deus por meio de um pacto que já haviam quebrado. E então, vendo sua pecaminosidade e sua necessidade de perdão, passaram a sentir a necessidade do Salvador, revelado no pacto abraâmico e simbolizado nos sacrifícios”.

A verdadeira e perfeita obediência não se origina do esforço humano, mas vem de Deus. Irmãos e irmãs, exorto-vos a descartar completamente a ideia profundamente errônea e perigosa de que podemos produzir obediência por meio de nossa própria força de vontade ou disciplina pessoal. A verdadeira obediência não é uma conquista humana, mas uma promessa divina. É algo que Deus fará em nossos corações.

Em relação a esta verdade essencial da Mensagem de 1888, o tema dos pactos, é especialmente significativo lembrar que Ellen White declarou em 1890 ter recebido uma visão de Deus na qual lhe foi mostrado que a interpretação dos dois pactos feita pelo Pastor E. J. Waggoner estava correta. Ela escreveu o seguinte em ‘Materiais de 1888’, págs. 604 e 624: “Foi-me mostrado que a evidência concernente aos pactos era clara e convincente. A questão dos pactos é clara e será compreendida por toda mente sincera e imparcial. Mas fui levada ao lugar onde o Senhor me deu entendimento sobre esse assunto. O entendimento dos pactos, conforme ensinado pelo Irmão Waggoner, era verdadeiro. Parece que muitas mentes foram aliviadas. Fico feliz que o Senhor tenha me inspirado a dar o testemunho que dei”.

Não há dúvida, após ler esta declaração, de que a posição do Pastor Waggoner sobre os dois pactos não foi uma construção teológica humana, mas veio diretamente de Deus. A pergunta imediata que devemos nos fazer é: Em que consistia essa posição? Vamos deixar que o próprio Pastor Waggoner responda a essa pergunta. Primeiro, ele afirmou que os dois pactos não são dispensações temporárias. Em seu comentário em 'As Boas Novas: Gálatas, Versículo a Versículo', nas págs 100 e 101, ele escreveu: "Esses dois pactos existem hoje. Os dois pactos não são uma questão de tempo, mas de condição. Assim, o pacto do Sinai mantém todos os que a ele aderem em servidão sob a lei, enquanto o pacto de cima traz liberdade — não liberdade para desobedecer à lei, mas liberdade para obedecê-la. A diferença entre os dois pactos pode ser declarada assim: no pacto do Sinai, nós mesmos temos que lidar com a lei sozinhos, enquanto no pacto do alto, recebemos a lei em Cristo."

Ele também afirmou que o pacto eterno é uma promessa, como temos estudado. Em 'As Boas Novas: Gálatas, Versículo a Versículo', na pág. 88, ele declara: "Os pactos de Deus com o homem não podem ser nada além de promessas ao homem. Isso é tudo o que podemos fazer — receber. Deus nos promete tudo o que precisamos e mais do que podemos pedir ou imaginar como um presente. Nós nos entregamos a Ele, isto é, não lhe damos nada, e Ele se entrega a nós, isto é, nos dá tudo. O que complica as coisas é que, mesmo que o homem esteja disposto a reconhecer o Senhor em tudo, ele insiste em barganhar com Ele. Ele quer se elevar a um plano de semelhança com Deus e realizar uma transação em termos iguais com Ele. Mas qualquer pessoa que pretenda ter relações com Deus deve fazê-lo nos termos que Ele estabelece, isto é, com base no fato de que não temos nada e não somos nada, e que Ele tem tudo, é tudo e é quem dá tudo".

Alguns argumentaram que a compreensão das alianças por E. J. Waggoner era teologicamente falha. Há até mesmo aqueles que tentaram vincular sua interpretação a ideias próximas ao panteísmo, sugerindo, assim, que sua abordagem deveria ser rejeitada por completo. Contudo, aceitar essa conclusão teria sérias implicações, visto que também colocaria em questão o dom profético concedido a Ellen White, que endossou clara e publicamente a posição do Pastor Waggoner. O apoio da mensageira do Senhor a esse tema não foi tímido nem circunstancial; pelo contrário, foi tão firme e evidente que, na segunda edição de seu livro 'Patriarcas e Profetas', Ellen White incluiu um capítulo inteiro de 11 páginas intitulado "A Lei e as Alianças", onde desenvolve claramente conceitos-chave que se harmonizam plenamente com a perspectiva do Pastor Waggoner sobre os dois pactos.

À luz dessa verdade fundamental da Mensagem de 1888 — que a justificação pela fé leva à obediência genuína — é importante esclarecer certos aspectos relacionados ao princípio da cooperação na experiência da salvação. Surge, então, uma questão crucial: qual é a nossa parte no pacto eterno? Tanto a Bíblia quanto o Espírito de Profecia são claros quanto à nossa cooperação na dimensão subjetiva do pacto eterno. Enfatizo aqui o aspecto experiencial do pacto, visto que, com relação à sua dimensão objetiva — isto é, a iniciativa divina de estabelecer este pacto na eternidade e consumá-la na cruz — os seres humanos não têm participação alguma. Foi Deus, e somente Deus, quem realizou esta obra redentora sem depender do homem de forma alguma. Contudo, na experiência pessoal do crente — ao aceitar, responder e viver o pacto — somos de fato chamados a cooperar. Em que sentido?

Observemos o que Ellen White descreveu sobre isso na devoção matinal ‘Nos Lugares Celestiais’, pág. 14. Diz o seguinte: “Deus propõe cooperação às Suas criaturas frágeis e rebeldes, a quem Ele colocou em terreno vantajoso. De um lado, há sabedoria infinita, bondade, compaixão e poder. Do outro, fraqueza, pecaminosidade absoluta, impotência, pobreza e dependência. O homem recebe o privilégio de trabalhar com Deus na salvação de sua própria alma”. Agora, qual é a parte do homem? Vamos ler. “Ele deve receber Cristo como seu Salvador pessoal e crer Nele. Receber e crer é a sua parte no contrato”.

Observe que a primeira parte da citação se refere à proposta divina de cooperar com Ele. Mais tarde, Ellen White repete essa ideia, afirmando que o homem recebeu o privilégio de trabalhar com Deus na salvação. Agora, em que consiste essa cooperação? A última parte da citação em questão responde a essa pergunta. Ele deve receber Cristo como seu Salvador pessoal e crer Nele. Receber e crer é a sua parte no contrato. Essa é a nossa colaboração. Essa é a nossa parte no contexto do pacto eterno: crer e receber.

Ellen White disse isso em ‘Mensagens Escolhidas’, vol. 1, pág. 402. “Tudo o que o homem pode fazer por sua própria salvação é aceitar o convite. Que aquele que quiser tome de graça da água da vida”. É evidente que, para crer e receber as promessas do pacto, é necessário entregar nossa vontade ao Senhor a cada instante. Deus não força ninguém a aceitar Suas promessas. Ele respeita profundamente a liberdade individual. É aqui que entra o livre-arbítrio, a capacidade de cada ser humano de decidir se aceita ou rejeita o dom dado em Cristo.

Faço esse esclarecimento porque alguns interpretaram erroneamente a Mensagem de 1888, como eliminando ou invalidando a capacidade humana de escolha. Nada poderia estar mais longe da verdade. Muitos adventistas acreditam que nossa parte no pacto consiste em

obediência e passam a perceber o pacto como uma espécie de troca ou contrato de compra e venda, onde Deus perdoa — a parte divina — e nós obedecemos — a parte humana. O problema com essa ideia é que a obediência não é nossa parte, mas a promessa do pacto, que Deus fará em nós.

Jeremias 31:33, diz: "Mas este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias", declara o Senhor: "Porei a minha lei no seu interior e a escreverei nos seus corações. E eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo". Vale ressaltar que esta passagem bíblica descreve o pacto eterno, ou novo pacto, em termos de uma promessa. E não é por acaso que seja assim. Porque é precisamente isso que o pacto é: uma promessa divina. Quem promete em Jeremias 31-33? É Deus quem promete. O que Deus promete? Esta é o pacto que farei: darei a eles a minha lei, e a escreverei em seus corações; serei o seu Deus. Perceberam? Quem realiza tudo isso em nós? É Deus, não nós mesmos

Agora, o que podemos oferecer a Deus no contexto do pacto, senão a nossa própria vontade? Na realidade, não podemos dar-lhe nada que Ele já não nos tenha dado primeiro. Todo o bem que damos a Deus vem diretamente dEle, não de nós. Portanto, ao dar-Lhe algo, estamos simplesmente devolvendo o que Ele já nos deu. Vejam o que Ellen White diz em 'Fé e Obras', pág. 22. "Nada menos do que o dever prescreve deve ser dado e nada mais do que já foi recebido pode ser dado. E tudo deve ser colocado no fogo da justiça de Cristo para ser purificado de seu odor terreno antes de subir em uma nuvem de incenso perfumado ao grande Jeová e ser aceito como um doce perfume. Me pergunto: Como posso afirmar isso com precisão? O Senhor Jesus concede todas as faculdades, toda a graça, toda a contrição, todo o bom impulso, todo o perdão dos pecados, ao apresentar Sua justiça para que o homem a faça sua por meio de uma fé viva, que também é dom de Deus. Se você reunir tudo o que é bom, santo e nobre e amável no homem e se o apresentar diante dos anjos de Deus como se desempenhasse uma parte na salvação da alma humana, ou como um mérito, a proposta seria rejeitada como uma traição".

Quero enfatizar a última parte desta afirmação porque me parece fundamental. Se apresentarmos algo como nosso, com valor meritório, ou com a pretensão de sermos corredores da nossa própria salvação, Ellen White adverte que isso constitui uma traição ao verdadeiro Evangelho. Ou seja, se entendermos o princípio da cooperação como um complemento humano à salvação, estaremos incorrendo no erro da salvação pelas obras. A salvação não tem carências, meus queridos irmãos e irmãs. Não tem carências que tenhamos de preencher com os nossos esforços. A salvação é um plano perfeito; não tem um único fio de invenção humana. Portanto, como disse Ellen White em 'Este Dia com Deus', pág. 70, "a

totalidade da nossa salvação provém do dom do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Repito, diante deste dom maravilhoso, os seres humanos têm apenas duas opções: aceitá-lo ou rejeitá-lo; crer nele ou ignorá-lo deliberadamente. Não há méritos a serem conquistados, apenas uma resposta voluntária à demonstração magistral do amor redentor de Deus na cruz do Calvário.

Em conclusão, existe, de fato, um princípio de colaboração dentro do contexto do pacto eterno. Contudo, esse princípio não deve ser entendido como uma participação corredentora da humanidade em sua própria salvação, mas sim como a retribuição de cada dom que Deus já nos concedeu. Deus espera que estejamos abertos à Sua graça, e é essa mesma graça que realizará tudo o que é necessário em nós. Nossa cooperação consiste em não impedir a obra que Deus deseja realizar em nossos corações. Ou seja, em entregar a nós mesmos, nosso ego, a Ele. Isso é o que significa trabalhar pela salvação com temor e tremor. Temor e tremor de quê? Da ideia de que podemos querer e agir por conta própria, quando, na realidade, como diz Filipenses 2:13, “é Deus quem opera em nós, ou produz em nós a vontade e a capacidade de agir para cumprir o Seu bom propósito”.

Considere como Ellen White compreendeu essa passagem. Encontramos isso no devocional matinal, ‘Nossa Alta Vocação’, pág. 93. “Se ocupem em vossa salvação com temor e tremor”. O que isso significa? Vou fazer uma pausa aqui. Isso significa que temos que acrescentar obras humanas à salvação, que devemos trabalhar humanamente a salvação, somando nossos méritos, somando esforços humanos para completá-la? Isso significa essa passagem? O que isso significa? Resposta inspirada por Deus: “Significa que todos os dias você deve desconfiar de seus próprios esforços e sabedoria. Você deve temer falar precipitadamente, temer seguir seus próprios impulsos, temer que o orgulho do coração, o amor ao mundo e os desejos da carne excluam a preciosa graça que o Senhor Jesus anseia derramar sobre você. A obra do homem, como nosso texto mostra, não é uma obra independente. A obra do homem, como o texto mostra, não é uma obra independente que ele realiza sem Deus. O homem tem um papel a desempenhar nesta grande luta pela vida eterna. Ele deve responder à obra do Espírito Santo”. Que explicação magistral Ellen White oferece dessa passagem! Extremamente clara.

Quarta e última verdade sobre a Mensagem de 1888: A justiça de Cristo é a mensagem da chuva serôdia. Em ‘Mensagens Escolhidas’, vol. 1, pág. 437, a serva de Deus declarou o seguinte: “Vários me escreveram perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo, e eu respondi que sim, é a mensagem do terceiro anjo”. À luz dessa declaração, é insustentável negar que a mensagem da justificação pela fé constitui a

mensagem do terceiro anjo. De fato, em nossa citação principal, aquela que temos analisado, que está em ‘Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos’, pág. 91, ao final da citação, na conclusão, Ellen White declara que a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo, que deve ser proclamada em voz alta e acompanhada pelo abundante derramamento do Seu Espírito. A mensagem do terceiro anjo não deve ser entendida apenas como uma advertência contra a marca da besta, identificada como a imposição de um dia de adoração espúrio em oposição ao dia santificado por Deus. A inspiração nos revela a verdadeira essência dessa mensagem e também aponta nossa negligência em não apresentá-la adequadamente ao mundo.

Vejamos as seguintes declarações feitas por Ellen White. Em ‘Mensagens Escolhidas’, vol.3, pág.195, ela escreveu: "A mensagem do terceiro anjo é a proclamação dos mandamentos de Deus e da fé de Jesus." Deixe-me ler novamente. "A mensagem do terceiro anjo é"— aqui está uma definição. “A mensagem do terceiro anjo é a proclamação dos mandamentos de Deus e a fé de Jesus”. A qual passagem bíblica esta parte da citação se refere? Apocalipse, 14:12. Agora ouçam isto. “Os mandamentos de Deus foram proclamados, mas a justiça de Jesus” — isto é, o que corresponde à fé de Cristo Jesus na primeira parte desta citação. “Mas a justiça de Jesus” — dando-lhe igual importância— “não foi apresentada pelos adventistas do sétimo dia, fazendo com que a lei e o evangelho andassem de mãos dadas”.

‘Testemunhos para a Igreja’, vol. 6, pág. 27 e 28: “Alguns apresentaram as verdades da mensagem do terceiro anjo como teorias áridas, mas o Cristo vivo é o tema que deve ser apresentado nesta mensagem. Ouviram isso, irmãos? Repito: o Cristo vivo é o tema que deve ser apresentado nesta mensagem. Notem que ela não diz: "Mas o Cristo vivo é o tema que eu sugiro que seja apresentado nesta mensagem". Não, ela diz que este é o tema que deve ser apresentado nesta mensagem. O caráter de Deus, diz na página 28, "em Cristo deve ser revelado ao mundo por meio desta mensagem". E qual é o caráter de Deus? Deus é amor.

Infelizmente, muitos cometeram o trágico erro de encurtaram a mensagem do terceiro anjo, recusando-se a estendê-la até Apocalipse 14:12. Uma passagem que constitui o próprio cerne dessa declaração. Em Apocalipse 14:12, por meio da expressão "a fé de Jesus", encontramos uma referência clara e direta à justiça de Cristo, o único poder que manterá os santos firmes enquanto atravessam as águas escuras e turbulentas do tempo de angústia, como nunca houve desde que existe a humanidade até então.

Por sua vez, a conclusão da citação extraída da página 91 de ‘Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos’ deixa claro que a chuva serôdia está relacionada a esta mensagem, à

mensagem do terceiro anjo, à mensagem da justiça de Cristo. A chuva serôdia não deve ser entendida apenas como uma manifestação do poder do Espírito Santo derramado sobre o povo de Deus nos últimos tempos. Embora a chuva serôdia certamente inclua uma dimensão de extraordinário poder espiritual, seu significado bíblico abrange muito mais do que uma simples experiência carismática.

De uma perspectiva bíblica, o conceito de chuva, ou a própria chuva, é um símbolo intimamente ligado à ação vivificante e transformadora da palavra de Deus. Podemos ler isso em textos como Isaías 55:10-11, que compara a chuva à eficácia da palavra divina, que não retorna vazia, mas cumpre o propósito para o qual Deus a enviou. Da mesma forma, em Deuteronômio 32:2, a chuva é apresentada como a doutrina de Deus descendo sobre a terra. E em Isaías 45:8, o conceito de chuva está ligado à justiça que Deus deseja conceder ao seu povo. À luz desse contexto bíblico, podemos afirmar que a chuva serôdia não é simplesmente uma força sobrenatural ou um poder sem conteúdo, mas está intimamente ligada a uma mensagem específica e urgente para os últimos tempos. E qual é essa mensagem específica e urgente para os últimos tempos? A preciosa verdade da justiça de Cristo, que Ellen White, em ‘Testemunhos aos Ministros e Obreiros Evangélicos’, pág. 91, chamou de mensagem preciosíssima. Assim, a chuva serôdia representa tanto a manifestação do Espírito Santo quanto a proclamação e a aceitação de uma mensagem que transforma vidas e prepara o povo de Deus para o encontro final com o seu Senhor.

Agora que temos uma visão mais ampla de alguns aspectos essenciais e distintivos da Mensagem de 1888, é importante que consideremos os mensageiros — os instrumentos que Deus usou para transmitir essa maravilhosa verdade ao povo do Senhor. Quem foram os portadores da mensagem? Ellen White afirma em ‘Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos’, página 91: “Em Sua grande misericórdia, o Senhor enviou uma mensagem preciosíssima ao Seu povo por meio dos pastores Waggoner e Jones”. Os pastores E. J. Waggoner e A. T. Jones foram os instrumentos que o Senhor usou para comunicar a maravilhosa verdade sobre a justiça de Cristo. A questão é: Ellen White endossou a mensagem apresentada por E. J. Waggoner e A. T. Jones? Ela a considerou de suma importância?

Observemos as seguintes citações, que demonstram seu total apoio à mensagem que esses dois jovens ministros pregavam. A primeira delas encontra-se em ‘Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 421: “A presente mensagem, justificação pela fé, é uma mensagem de Deus. Ela possui credenciais divinas porque seu fruto é a santidade.”

Em ‘Sermones Escogidos’, vol. 1, página 109, Ellen White declara: “Já me perguntaram: 'O que você acha da luz que esses homens, Waggoner e Jones, têm apresentado?' Bem, nos últimos 45 anos tenho falado sobre os encantos incomparáveis de Cristo. É isso que tenho tentado apresentar a vocês hoje. O irmão Waggoner expressou essas ideias em Minneapolis, e esse foi o primeiro ensinamento claro sobre o assunto que ouvi de alguém, com exceção das conversas com meu marido. Me disse: ‘É porque Deus me apresentou isso em visão que eu vejo com tanta clareza, e eles não conseguem ver porque nunca lhes foi apresentado da mesma forma que foi para mim?’. No entanto, quando outra pessoa apresentou isso, cada fibra do meu coração disse: ‘Amém’”. Que citação maravilhosa!

Em ‘Materiais de 1888’, de Ellen White, pág. 1353, encontramos a seguinte declaração: “Deus deu aos irmãos Jones e Waggoner uma mensagem para o povo. Vocês podem não acreditar que Deus os confirmou, mas Ele lhes deu uma luz preciosa. Quando vocês rejeitam a mensagem apresentada por esses homens, vocês rejeitam Cristo, o doador da mensagem”. Pois, de fato, o doador da mensagem da Mensagem de 1888 não é Jones e Waggoner; é Cristo. Jones e Waggoner foram os instrumentos, os mensageiros, os veículos que Deus usou para comunicar esta mensagem tão preciosa. Portanto, ao rejeitarmos a mensagem, não estamos rejeitando Jones e Waggoner, mas sim o doador da mensagem, que é Cristo.

Em ‘Materiais de 1888’, págs. 1052 e 1054, Ellen White afirma: "A mensagem que nos foi dada por A. T. Jones e E. J. Waggoner é a mensagem de Deus para a igreja de Laodiceia. E ai de quem professa crer na verdade e, no entanto, não reflete aos outros os raios dados por Deus. A mensagem de Laodiceia tem ressoado. Levem esta mensagem em todas as suas fases e façam-na ouvir às pessoas onde quer que a Providência abra o caminho. Justificação pela fé e a justiça de Cristo são os temas a serem apresentados a um mundo que perece."

Na edição de 18/03/1890 do jornal *The Review and Herald*, Ellen White, lembrando suas viagens com Jones e Waggoner pelas igrejas dos Estados Unidos, escreveu: "Viajei de um lugar para outro participando de reuniões onde a mensagem da justiça de Cristo era pregada. Considerei um privilégio estar com meus irmãos Waggoner e Jones, prestando meu testemunho com a mensagem para o tempo. Vi que o poder de Deus auxiliava a mensagem onde quer que ela fosse apresentada. As pessoas confessavam seus pecados e se apropriavam da justiça de Cristo. Deus colocou Sua mão nesta obra. A mensagem, em todos os lugares, levava à confissão de pecados e à expulsão da iniquidade". Esse é o fruto desta mensagem. “Esta mensagem, como foi apresentada, deve chegar a todas as igrejas que afirmam crer na verdade e elevar as pessoas a um alto padrão. Imploro que se aproximem de Deus e aceitem a mensagem por si mesmos”.

Não há dúvida de que Ellen White apoiou veementemente a mensagem apresentada por Waggoner e Jones durante o período em que eles foram fiéis à missão do Senhor, especialmente de 1888 até o final da década de 1890. Esse apoio está documentado em inúmeras cartas, manuscritos e declarações públicas. Se a mensagem desses dois ministros a respeito da justiça de Cristo tivesse sido errônea durante esse período, Ellen White teria sido desqualificada como mensageira do Senhor, visto que ela os apoiou e defendeu de forma consistente e repetida. Além disso, nas 1800 páginas da obra 'Materiais de 1888', de Ellen White, encontram-se pelo menos 400 declarações de apoio inequívoco à mensagem trazida pelos dois mensageiros do Senhor.

Algumas pessoas acreditam erroneamente que aqueles que creem na Mensagem de 1888 atribuem inspiração profética e infalibilidade a Jones e Waggoner. Isso não é verdade. Ellen White descreveu Jones e Waggoner como mensageiros de Cristo, agentes escolhidos e portadores de credenciais divinas. Ela também afirmou que rejeitar a mensagem apresentada por esses dois homens equivalia a rejeitar Cristo, que deve ser reconhecido em meio aos Seus mensageiros. Jones e Waggoner não foram infalíveis, mas foram instrumentos escolhidos por Deus, dotados de uma compreensão profunda e especial da mensagem da justificação pela fé e com uma extraordinária capacidade de apresentá-la de forma clara e poderosa.

Observemos as seguintes citações do Espírito de Profecia a respeito deste assunto. Em 'Materiais de 1888', de Ellen White, pág. 566, lemos: "Sei com certeza que Deus deu preciosas verdades aos irmãos Jones e Waggoner no momento oportuno. Isso significa que os considero infalíveis? Com isso, quero dizer que é impossível para eles fazerem uma declaração ou terem uma ideia que não possa ser questionada ou que seja errônea. Não, isso não existe. Não digo isso de nenhum homem no mundo. No entanto, afirmo que Deus enviou luz, e sejam cuidadosos no tratamento que lhe dão."

Agora, observemos o que o Pastor J. S. Washburn, um pastor que foi delegado ao Congresso de Minneapolis em 1888, declarou. Vejamos o testemunho que ele dá a respeito de uma conversa que teve com Ellen White. A citação diz o seguinte: "E. J. Waggoner consegue apresentar a justiça pela fé com mais clareza do que eu", disse a irmã White. 'Como assim, irmã White?', perguntei. 'Quer dizer que E. J. Waggoner consegue ensiná-la melhor do que você, com toda a sua experiência?' A irmã White respondeu: 'Sim, o Senhor lhe deu uma luz especial sobre esse assunto. Eu queria apresentá-la com mais clareza, mas não consegui fazê-lo tão claramente quanto ele. Mas quando ele a apresentou em Minneapolis, a reconheci'". (Testimonio de J.S. Washburn)

A história registra que, no final da década de 1890, E. J. Waggoner e A.T. Jones se desviaram do caminho por causa da perseguição anticristã que sofreram em nossas fileiras. Os mensageiros sentiram o ódio, a condenação, a perseguição e a rejeição de seus próprios irmãos por causa da mensagem que proclamavam. Sem dúvida, esse foi um triste fim para os mensageiros que Deus escolheu para erguer o estandarte da justiça de Cristo. Como resultado dessa situação, alguns concluíram que a queda de Jones e Waggoner é uma razão convincente para invalidar a mensagem que eles transmitiram em 1888 e nos anos subsequentes. Será esse um argumento válido?

Examinemos o que Ellen White escreveu na ‘Carta O19’, datada de 1892. “Se os mensageiros, depois de terem defendido bravamente a verdade por um tempo, sucumbissem à tentação e desonrassem Aquele que lhes confiou a missão, isso provaria que a mensagem não era verdadeira? Não. O pecado por parte dos mensageiros de Deus agradaria a Satanás, e aqueles que rejeitaram a mensagem e os mensageiros. Mas isso de forma alguma desculparia os responsáveis por rejeitar a mensagem de Deus”. Para a mensageira do Senhor, a queda de Jones e Waggoner não invalida a mensagem que apresentaram. É crucial entender que a veracidade da mensagem não depende da qualidade dos instrumentos que Deus escolhe para comunicá-la. A verdade mantém seu valor independentemente das fraquezas humanas daqueles que a proclamam.

Apesar do claro apoio que Ellen White ofereceu tanto à mensagem quanto aos mensageiros, houve uma forte rejeição da preciosa verdade da justiça de Cristo. Referindo-se a essa triste realidade, Ellen White escreveu o seguinte em ‘Materiais de 1888’, pág. 911: “Ao rejeitarem a mensagem dada em Minneapolis, os homens cometeram pecado. Cometeram um pecado muito maior, alimentando por anos o mesmo ódio contra os mensageiros de Deus. Ao rejeitarem a verdade que o Espírito Santo exortou o Seu povo a abraçar, ao menosprezarem a mensagem dada, estão menosprezando a palavra de Deus.”

É doloroso reconhecer, mas 137 anos depois, a história parece estar se repetindo. Como povo, temos resistido a receber as promessas do pacto eterno, promessas que garantem nossa preparação para sermos levados à Canaã celestial. Hoje, as palavras desta citação inspirada estão se cumprindo com triste precisão. Vamos lê-la. Em ‘Eventos Finais”, pág.175, somos informados: “Nas igrejas — e isso se refere às nossas igrejas, as igrejas Adventistas do Sétimo Dia — haverá uma maravilhosa manifestação do poder de Deus, mas ela não funcionará em favor daqueles que não se humilharam perante o Senhor, nem abriram a porta de seus corações por meio da confissão e do arrependimento. Na manifestação desse poder que

ilumina a terra com a glória de Deus, eles verão apenas algo que, em sua cegueira, considerarão perigoso, algo que despertará seus temores, e eles se prepararão para resistir, porque o Senhor não age de acordo com suas ideias e expectativas. Eles se oporão à obra. Por quê? Eles dizem: ‘Não deveríamos conhecer o Espírito de Deus, já que estamos na obra há tantos anos?’ A mensagem do terceiro anjo não será compreendida por aqueles que se recusam a andar em Sua crescente glória.”

E qual é a mensagem do terceiro anjo? Ellen White declara, e lemos isso há alguns minutos, que a mensagem do terceiro anjo é a mensagem de justificação pela fé. Assim, a mensagem da justificação pela fé, a mensagem do terceiro anjo, verdadeiramente não será compreendida por aqueles que se recusam a andar em Sua crescente glória, e tais pessoas chamarão uma luz falsa de a luz que iluminará a terra com a Sua glória.

Não há dúvida de que nossa incredulidade contribuiu para o atraso da vinda do nosso Senhor. Este é um fato que não podemos negar. Contudo, chegou a hora de erguermos os olhos e contemplarmos com reverência e temor os encantos incomparáveis da cruz. É tempo de entregarmos nossos corações ao poder transformador da justiça de Cristo, de deixarmos de lado nossos preconceitos teológicos e de permitirmos que a Sua graça nos molde à Sua imagem. É disso que precisamos urgentemente e desesperadamente.

No ano de 1888, o orvalho da chuva serôdia começou a cair, uma manifestação inicial do poder renovador do céu, destinado a preparar o povo para a colheita final. No entanto, essa bênção foi tristemente interrompida pela incredulidade. Orgulho e resistência coletiva. Como resultado, o pleno derramamento do Espírito Santo foi interrompido, e a mensagem da justiça de Cristo, o cerne do evangelho eterno, não alcançou a plenitude que o céu havia planejado para aquele tempo. Mesmo assim, embora a rejeição persista como uma sombra centenária pairando sobre a história de nossa experiência presente, a promessa de Deus, irmãos e irmãs, não foi anulada, e essa promessa será cumprida em última instância.

Chegará o dia em que a mensagem da justiça de Cristo será proclamada com o poder do Espírito Santo e varrerá a terra com força imparável. Todos os cantos da terra ouvirão as boas novas da salvação. O evangelho de Cristo tocará corações endurecidos, despertará consciências adormecidas e renovará vidas. Muros de oposição podem ser erguidos, ataques sistemáticos e persistentes podem ser orquestrados contra a mensagem da justiça de Cristo. Uma cultura de silêncio e censura pode até ser estabelecida para neutralizar e desacreditar os mensageiros que proclamam essa verdade transformadora. Mas nenhuma estratégia humana ou resistência institucional será capaz de frustrar o propósito divino. Deus vencerá a batalha

não pela força humana ou sabedoria terrena, mas pelo poder invencível do Seu Espírito. Ele prometeu isso, e Sua promessa não pode falhar

Em ‘Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos’, pág. 410, encontramos o seguinte: “As fortalezas de Satanás jamais triunfarão. A vitória acompanhará a mensagem do terceiro anjo”. Glória a Deus. Portanto, irmãos e irmãs, a vitória é garantida para esta mensagem. Esta mensagem encherá a terra com a glória do Senhor. Não haverá nada nem ninguém que possa impedir esta mensagem. “Assim como o capitão do exército do Senhor derrubou os muros de Jericó”, diz a citação, “o povo que guarda os mandamentos do Senhor triunfará, e todas as forças opositoras serão derrotadas”. A mensagem da justiça de Cristo pode ser vilipendiada, censurada, rejeitada ou rotulada como uma falsa luz. Mas Deus abrirá o caminho, demolirá as portas, demolirá os argumentos e garantirá que esta mensagem seja proclamada em alta voz. Pois, como disse o Seu mensageiro, esta é a mensagem que Deus ordenou que fosse dada ao mundo. Esta é a mensagem do terceiro anjo, a ser proclamada em voz alta e acompanhada por um grande derramamento do Seu Espírito.

A mensagem que antes era resistida será finalmente vindicada, e Cristo será exaltado como nossa única justiça, esperança e vitória. A questão é: estamos dispostos a triunfar com esta mensagem? Permitiremos que esta mensagem transforme radicalmente nossos corações, nossas prioridades e nossas vidas? Aceitaremos não apenas os princípios doutrinários desta mensagem, mas também o seu poder regenerador, capaz de nos dar uma nova vida e até mesmo mudar a dinâmica de nossas famílias? A vitória da mensagem, irmãos e irmãs, é certa, mas só será nossa se estivermos dispostos a render nossa vontade a Cristo. Gostaria que a equipe de produção exibisse um vídeo que acredito resumir o tema que discutimos hoje. Enquanto vocês assistem a este vídeo, estarei orando para que o Senhor lhes mostre a verdade sobre esta mensagem e o poder, a natureza definidora da mensagem de justiça de Cristo no contexto dos últimos tempos. Que o Senhor os abençoe.

VÍDEO: O retorno da chuva serôdia. Há mais de um século, em meio ao legalismo denso e frio, Deus enviou à Sua amada igreja uma mensagem de brilho surpreendente. Tão sublime era ela que a mensageira, em profunda emoção, exclamou que cada fibra do seu coração cantava em uníssono de aprovação. A cruz, com seus contornos claros e nítidos, resplandecia através de dois jovens ministros que Deus havia escolhido. Meios incomuns que o céu empregou com maestria para exibir Sua graça como um estandarte. Mas, em vez de receber a mensagem com alegria e amor, houve zombaria, questionamentos e desprezo descarado. A chuva que o Senhor queria enviar foi reduzida a uma garoa fraca que mal umedecia. Por causa da nossa incredulidade, como Israel em sua jornada, vagamos pelo deserto, deixando

um rastro de tristeza. Em meio ao pecado e à maldade, mais uma vez nos desviamos. No caminho escuro, onde nossa força vacila, ficamos enredados. Hoje, nossos corações anseiam pela poderosa chuva da graça. "O que devemos fazer?", pergunta a alma sedenta e ansiosa. A resposta divina é clara: desempoeire a mensagem esquecida e contemple com reverência Aquele que foi crucificado na cruz. Quando isso acontecer, o caráter de Cristo resplandecerá em Seu povo. Sua imagem será refletida incessantemente. A mornidão ficará para trás. Os compromissos vazios serão coisa do passado. O lar irradiará o calor do amor que sempre deveria ter demonstrado. O evangelho inundará a terra com a glória do Senhor, e a justiça de Cristo ressoará como um poderoso clamor. Muitos verão a luz e abandonarão o erro para aceitar esta verdade com firmeza e tenacidade. Satanás e seus servos tentarão abafar a mensagem erguendo muros, semeando hostilidade com astúcia infernal. Mas nada disso pode impedir os propósitos do Senhor. Sua vontade prevalecerá sobre qualquer artifício enganoso e destrutivo. Ó chuva de bênçãos, desça com poder e esplendor, transforme meu ser. Infunda-o com seu fervor. Que meu ego desapareça e que sua justiça reine em mim sem cessar. Se outros desprezaram esta chuva, eu desejo abraçá-la. Em minha vida, em meu ser, que sua graça brilhe.